

ESCRAVOS DE TERNO

Ronaldo Antonio Messeder Filho
Juiz do Trabalho
Mestre em Direito do Trabalho – PUC/MG

“É melhor ser Sócrates insatisfeito do que um porco satisfeito; é melhor ser Sócrates insatisfeito do que um imbecil satisfeito. E, se o imbecil ou o porco são de opinião diferente, é que só conhecem um lado da questão: o deles. A outra parte, para fazer a comparação, conhece os dois lados”
John Stuart Mill

Explicava-me um velho amigo, já falecido, que os traumas da vida, em geral, são inexplicáveis: surgem, desenvolvem-se e se metamorfoseiam. Cada um de nós, dizia ele, é um verdadeiro repositório de medos e angústias, ora reais, ora ilusórios. Desde a infância geramos e cultivamos esses temores, incompreensíveis e insondáveis ao nosso próprio entendimento.

Segundo meu amigo, que prefiro aqui chamá-lo ficticiamente por Bernardo, é preciso estar atento e consciente para os nossos atos cotidianos, de modo a construir, solidamente, um arcabouço de realismo, evitando, o quanto se puder, todas as imagens e miragens que nos ofuscam e empobrecem nossas vidas.

Bernardo não era um sábio, mas, sim, um grande homem. Talvez genial, talvez não. Tinha suas idéias, suas suspeitas e suas incertezas. Era diretor executivo de uma grande empresa. Não tinha tempo para nada, nem para a família e nem para si mesmo. Se fosse vivo, certamente me censuraria por contar, atabalhoadamente e às avessas, frações de suas invencionices e elucubrações.

Confidenciou-me, um dia, já bastante esgotado de seus afazeres, que desde criança cultivava um pavor irracional por fábricas e por grandes processos industriais. Era algo que, quando criança, deixava-lhe angustiado e nervoso. Quando estava na fábrica sentia-se patético e inquieto: para ele o ambiente fabril era impiedoso e parecia impor a tudo e a todos um ritmo devorador e incessante.

Dizia Bernardo que em sua cidade natal, na época em que ainda era menino, toda a economia girava em torno de uma fábrica, daí provavelmente seus traumas. Sua cidade de origem era monótona. As pessoas de lá, demasiadamente iguais. A rotina, dilacerante. Não havia novidade, tudo era previsivelmente igual.

No dia-a-dia, os trabalhadores se dirigiam à fábrica cedinho. Logo ao amanhecer, a cidade já estava acordada, com todos os operários uniformemente trajados, num caminhar ritmado e lento em direção à fábrica. Era um verdadeiro ritual, talvez uma liturgia. Era como se nada mudasse ou nada acontecesse: não por falta de coragem, não por falta de interesse. Tudo era assim: dentro ou fora, nada se alterava.

O processo fabril, contava-me, repetia-se em todos os lugares. A fábrica era de fato um eixo gravitacional e a cidade simples extensão. Ela não só produzia riqueza como ditava valores. Talvez, quem sabe, moldasse ou produzisse seus homens. Tinha-se a impressão, é certo, de que os dias não passavam, que o trabalho era sempre igual. Homens-peças, simples partes de uma engrenagem, onde nada e ninguém se questionava. Eram todos passivos, inertes. Da fábrica todos dependiam e a ela eram eternamente gratos.

Bernado afirmava que a maioria de seus ancestrais havia trabalhado na fábrica e que, em razão disso, crescera ouvindo histórias de que também seria um bom operário e artífice. Destino, tragédia, fosse o que fosse, não havia como evitar. Na vida, pensava quando menino, as equações se tornam imutáveis e inquebrantáveis.

Mas crescido, meu amigo provou o contrário. Deixou a cidade e conseguiu não se tornar o operário que tanto temia. Sua ousadia, aliás, trouxe-lhe títulos, influência, e alçou-lhe ao cargo de diretor executivo de uma grande empresa norte-americana. Orgulhava-se de sua colocação, posição, prestígio e habilidade para multiplicar investimentos.

Sem dúvida era um homem de princípios (e de valores). Acreditava que, para vencer, era preciso determinação, amar o próprio ofício, ter criatividade e estar disposto a muito trabalho. Na vida, dizia, nada é de graça! Estava, pois, sempre em busca de algo, com seus esforços que pareciam incansáveis. Acreditava realmente que as equações da infância podiam ser mutáveis e circunstanciais.

Ao se confidenciar comigo sobre seus antigos traumas, revelou-me que, apesar de sua eterna fuga, via-se agora, talvez por ironia da vida, dentro da lógica fabril que tanto repudiara, refém de um ritmo alucinante e imperdoável. Quisesse ou não, era hoje também operário fabril: não do tipo braçal, mas do tipo “intelectual”.

Contou-me que sua vida não era muito diferente da dos operários uniformizados de suas traumáticas lembranças. Como os operários, tinha horários que precisavam ser fiel e estritamente cumpridos, tinha equações, princípios e valores que eram semelhantes aos dos operários da fábrica. Como uniforme, trajava ternos de marca e gravatas italianas, que estavam sempre impecavelmente alinhados, para boas negociações. A barba estava sempre bem-feita. Relatórios extenuantes eram diariamente feitos; exigiam-lhe metas inalcançáveis a todo momento...

“A quem recorrer?”, dizia. “É possível mudar esse sistema? Porque estamos todos entorpecidos? Falta-nos coragem?” Essas eram algumas de suas indagações. Não entendia a passividade, a inércia e o descaso, sobretudo na fábrica. Não era revolucionário. Mas não tolerava a covardia e o desrespeito. Em uma de suas jocosas confabulações, revelou-me ser um “escravo de terno” ou operário de terno.

“Escravo de terno, sim”, explicava-me, “e não me diga que você, submetido a prazos, responsabilidades, encarcerado no Direito, não seja escravo da Toga!”. E prosseguia: “Admita que, em meio à fábrica, não temos nossa liberdade tolhida, às vezes mais, às vezes menos? Admita que, apesar de remunerados, não somos com frequência desrespeitados em mínimos direitos e garantias? Direitos de cidadão, direitos de homens, direitos do operário, o que se preferir... Somos livres?! Somos peças? Somos partes da fábrica ou de sua extensão? Pode-se escapar? Escravos urbanos? Escravos rurais? Escravos de terno? Escravos de toga? O que importa o termo designativo? Haverá salvação?”

Pouco tempo depois de me confidenciar suas angústias, Bernardo faleceu: no velório disseram-me que era mais uma vítima do coração... mas outros, porém, inconformados, insistiam em sussurrar, principalmente entre colegas de empresa (ou fábrica), que era mais uma vítima do excesso de trabalho...

Sei que as palavras de Bernardo estão bem distantes no tempo. E como não era sábio ou filósofo, lembro-me que foram ditas em desarmonia e descompasso. Quanto a mim, guardo-as precariamente e as recordo em todas as minhas manhãs de trabalho...